
Marta e Macabéa: figurações da marginalidade feminina

Angélica Passos da Silva⁷⁴

Fani Miranda Tabak⁷⁵

RESUMO: O presente trabalho tem por objetivo realizar uma análise comparada das personagens Marta e Macabéa, presentes nas obras *Memórias de Marta* de Júlia Lopes de Almeida e *A hora da Estrela* de Clarice Lispector. Pretendemos estudar a imagem da mulher marginalizada construída na autoria feminina no contexto dos séculos XIX e XX e, assim, entender os caminhos que cada uma das narrativas apresenta para a problemática central em questão. Além disto, discutiremos como as obras apresentam respostas diferentes à questão da superação social, ainda que demonstrem a permanência do discurso patriarcal e suas consequências no poder de dominação, aos quais as personagens se mostram submetidas. Ademais, refletiremos acerca do sentido de marginalidade nos séculos XIX e XX, investigando o que une e separa essas personagens marcantes, dentro da ideia de presença de caminhos que levam uma à superação social, e a outra a um fim triste e “trágico”.

PALAVRAS-CHAVE: Marta; Macabéa; Imagem; Mulher; Marginalizada.

RESUMEN: Este estudio tiene como objetivo realizar un análisis comparativo de los personajes Marta y Macabéa, presentes en las obras *Memorias de Marta* de Júlia Lopes de Almeida y *A hora da estrela* de Clarice Lispector. Tenemos la intención de estudiar la imagen de la mujer marginalizada construida en la autoría femenina en el contexto de los siglos XIX y XX y, así, comprender los caminos que cada una de las narrativas presenta para la problemática central en cuestión. Además, discutir cómo las obras tienen diferentes respuestas para la cuestión de la superación social, aunque demuestren la presencia del discurso patriarcal y sus consecuencias en el poder de dominación, al cual se muestran sometidos los personajes. Por otra parte, pretendemos reflexionar sobre el sentido de la marginalización en los siglos XIX y XX e investigar lo que une y separa a estos personajes notables, dentro de la idea de presencia de caminos que llevan uno a la superación social, y el otro a un final triste y “trágico”.

PALABRAS-CLAVE: Marta; Macabéa; Imagen; Mujer; Marginalizada.

Introdução

⁷⁴ Graduada em Letras Português-Espanhol na Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM.

⁷⁵ Doutora em Letras, pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"- UNESP; Professora Adjunta da Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM.

Propomo-nos a estudar aqui, comparativamente, duas personagens pertencentes a dois repertórios ficcionais distanciados no tempo por quase um século: *Memórias de Marta* (2007), de Júlia Lopes de Almeida e *A hora da estrela* (1998) de Clarice Lispector. A análise das personagens protagonistas, Marta e Macabéa, instaura-se inicialmente sob o olhar de marginalidade a que as mesmas estão submetidas, ainda que com uma distância temporal significativa.

O livro *Memórias de Marta*, escrito pela autora entre os anos de 1885-1886, pode ser considerado como o primeiro romance ambientado em um cortiço. Entretanto, a obra segue sendo pouco conhecida no contexto acadêmico, lembrando que, segundo Salomoni (2007, p.15), o próprio Aluísio de Azevedo, autor de *O cortiço*, trocou cartas com Júlia Lopes reconhecendo seu valor e importância para a literatura.

Júlia Lopes de Almeida, mais conhecida como D. Júlia, não teve sua obra vastamente conhecida nos meios literários e acadêmicos, fato que não diminui sua importância para a literatura brasileira dos oitocentos e até os dias de hoje. Considerada como a primeira romancista no Brasil, sua obra vem recebendo a devida atenção de estudiosas que buscam resgatar escritoras esquecidas ao longo do tempo através da revisão historiográfica do campo literário. De acordo com Rosane Salomoni, em comemoração ao centenário de Júlia Lopes, Cecília Meireles afirmou que “A Arte, porém, estava em sua figura harmoniosa, em seu gesto e em sua palavra, na sua elegância natural, de uma dignidade que os tristes dias de hoje não fazem senão, por amargo contraste, ressaltar”. (apud SALOMONI, 2005, p.7)

Júlia Lopes escreve em um contexto no qual o ofício literário pertencia ao universo masculino. Seu romance possui uma visão bastante liberal para a época em que foi publicado, já que propõe a existência de uma nova condição feminina a ser alcançada para a possibilidade de uma mudança social. *Memórias de Marta* reflete acerca da transposição da marginalização social e quebra do determinismo social, ao apresentar uma personagem que vence um meio social complexo e precário, contrariando as expectativas deterministas de ser consumido por ele.

Tendo começado a produzir suas obras no século XX, Clarice Lispector trilhou um caminho difícil, mas alcançou um público leitor considerável ao longo de sua carreira literária e teve sua obra aclamada pela crítica nacional e internacional. Detentora de um estilo único, a autora mergulha nos profundos abismos da ontologia de suas personagens e constrói narrativas marcadas por um teor lírico. Em seu último livro, no entanto, encontramos uma construção de personagem que nos permite perscrutar a ontologia desde uma espécie de margem social à qual a mesma se vê submetida.

Clarice Lispector em *A hora da estrela*, publicado em 1977, desnuda uma mulher marginalizada em uma sociedade que ainda apresenta vestígios coloniais. É a posição ocupada à margem que nos possibilita um diálogo entre as duas personagens. Separadas por aproximadamente um século, as personagens Marta e Macabéa apresentam aspectos que ora as aproximam, ora as distanciam. Um exemplo disso é a apresentação de uma resposta diferente à questão da superação social.

Em *Memórias de Marta* observamos uma “queda” de posição social, levando em consideração o passado da mãe da personagem Marta. Ambas gozaram de tempos melhores, antes de embarcarem em um mar de dificuldades. Já Macabéa, personagem de *A hora da estrela*, nasce marginalizada e inserida em um contexto de sofrimento, o que a impulsiona a buscar uma vida melhor na mudança para o Rio de Janeiro. A linha que separa as duas personagens é muito tênue, apesar de apresentarem contextos de vida bem distintos.

De acordo com Salomoni (2005, p.23), em *Memórias de Marta* “predomina o espaço psicológico povoado de sensações e impressões, traduzido por uma linguagem sentimental, impressionista, no registro da trajetória infeliz da protagonista”. Júlia Lopes apresenta uma narrativa em forma de memórias que traz a ideologia almeidiana do restabelecimento da vida através do trabalho, defendendo uma possível emancipação da mulher em uma sociedade paternalista através da personagem Marta. Essa ideologia é contradita pela defesa do casamento como instituição única para a mulher oitocentista. No entanto, apesar de dar o casamento como solução, Júlia Lopes torna a personagem Marta escritora e isso supera a possibilidade de uma

contradição. Dessa forma, ao tocar na marginalidade da mulher, Júlia também reflete acerca do ofício da escrita feminina, que nesse contexto também se encontra em uma posição à margem.

Por sua vez, Clarice Lispector fugindo aos moldes da narrativa linear, apresenta um romance psicológico e propõe a prática do autoconhecimento com a intensidade na investigação humana. Mais que narrar fatos, Clarice alvitra a prática do autoconhecimento por intermédio da desajustada retirante Macabéa. Assim, através do “jogo” com a linguagem, reflete acerca da existência e comportamento humano, colocando em evidência também reflexões sobre a própria composição da escrita. Segundo Clarisse Fukelman:

(...) em *A hora da Estrela* “o enredo, fugaz em aparência, revela algumas de suas linhas de sustentação. Está em jogo a linguagem, seu poder de conhecimento, de comunicação e de convencimento e, com ela, debatem-se a existência humana e os laços sociais. (FUKELMAN, 1991, p. 7)

Ambas as obras discutem a condição da mulher pobre e deslocada socialmente e, também, traduzem os problemas relacionados a uma sociedade capitalista, na qual há um sistema que oprime as massas menos favorecidas, praticamente “condenadas” a viver na marginalidade social. No entanto, é necessário destacar que ao compor sua narrativa em forma de memórias, Júlia Lopes confere à Marta um *status* superior ao de Macabéa. Logo, o fato de Marta ser letrada torna possível que, através de *Memórias de Marta*, ela tenha consciência do que passou, já que a personagem escreve para sua filha Cecília criando uma espécie de legado para ela. Em contra partida, Macabéa, que não sabia ler e escrever, necessita de alguém para contar os fatos que sucedem sua existência.

O que diferencia definitivamente as narrativas é a solução apresentada e será esse um dos focos para estudarmos os dois caminhos propostos por esses dois grandes nomes da autoria feminina na literatura brasileira.

1. O espaço multidimensional em “A hora da estrela” e “Memórias de Marta”

O espaço social é um elemento central para analisarmos a trajetória vivida pelas personagens Marta e Macabéa. Nesse sentido, para refletirmos acerca da condição social e marginal a que as personagens estão submetidas, é necessário adotar uma concepção de espaço social para depois passar ao diálogo com as obras literárias.

Em *Espaço social e gênese das classes*, Bourdieu (2001) afirma que a construção de uma teoria sobre o espaço social implica sistematicamente uma ruptura com a teoria marxista. Nesse sentido, estando a teoria marxista ligada à definição do campo econômico, não trata de forma relevante os demais elementos que atuam na formação do espaço social, já que este não é constituído somente pela condição socioeconômica. Bourdieu apresenta o conceito de um *espaço multidimensional*, formado não apenas pela condição social e que se mostra mais abstrato do que simplesmente a posição ocupada pelo indivíduo em determinada classe. Assim, Bourdieu considera o espaço enquanto relação social, levando em conta o espaço de relações e o espaço geográfico, objetos importantes nessa concepção proposta.

Nota-se como esse espaço multidimensional se apresenta nas duas obras aqui estudadas, na medida em que não é somente a questão econômica que torna as personagens marginais. Em *A hora da estrela*, ainda que a personagem Macabéa esteja em uma condição à margem da sociedade, existem outras figuras que partilham da mesma classe que ela, porém se encontram em posições diferentes. As personagens Macabéa e Olímpico de Jesus são muito diferentes apesar de estarem alocadas no mesmo espaço e condição social. A diferença entre ambos advém da percepção do mundo social, já que a maneira como se portam e a ação em relação à sua condição é distinta. Por outro lado, a questão do gênero ainda é muito forte no contexto da sociedade descrita, em que Macabéa como mulher pobre e ignorante sofre as limitações de sua condição, não possuindo armas e oportunidades para lidar com sua própria situação. Já Olímpico, apesar de estar “no mesmo barco” de Macabéa, pelo simples fato de ser homem, consegue lidar de certa forma com sua condição, não chegando a superá-la, mas conseguindo se enquadrar e viver no meio apesar de sua posição social. Assim, a marginalidade de gênero traz uma importante reflexão, que é a de estar marginal dentro da marginalidade. Podemos dizer

que Olímpico veste uma espécie máscara social, em que a hipocrisia esconde sua condição mesmo diante de Macabéa, sua igual.

Macabéa fazia muitas perguntas que Olímpico não sabia responder e ele sempre se esquivava dos questionamentos da moça: “Olhe, você não reparou até agora, não desconfiou que tudo que você pergunta não tem resposta?” (LISPECTOR, 1998, p. 49). As perguntas da nordestina não eram difíceis, mas continham um tom filosófico, como “o que quer dizer *cultura*?” (LISPECTOR, 1998, p. 50). Tal questionamento advinha da rádio *Hora certa e cultura*, um dos poucos passatempos de Macabéa para remediar o vazio das horas de sua existência. Olímpico não sabia as respostas para as indagações da moça, mas se mantinha superior ao aproveitar-se da submissão e ingenuidade dela. Muitas vezes o operário dizia “Eu sei, mas não quero dizer” (LISPECTOR, 1998, p. 45), fazendo Macabéa considerá-lo “muito sabedor das coisas” (LISPECTOR, 1998, p. 52).

Outra questão importante para pensar a condição de Macabéa é o confronto do indivíduo que se desloca de seu espaço, buscando novas oportunidades para sua sobrevivência. Com Macabéa, percebemos que a marginalidade é determinada muitas vezes por esse “deslocamento”, em que o indivíduo, sem preparação para lidar com esse novo ambiente, chega nesse espaço social complexo sem possuir domínio do meio que passa a pertencer. Além disto, temos também a denominada exacerbação da ingenuidade, pois a condição de Macabéa está muito relacionada a outras questões que vão além da posição socioeconômica. O sentido de marginalidade é intensificado, envolvendo ela mesma como indivíduo, através do “incômodo de ser e estar no mundo”, já que Macabéa não possui consciência de sua condição existencial, vivendo em completa alienação.

Em *Memórias de Marta*, temos um espaço social no qual a imagem patriarcal é a base da constituição social, já que a transposição social ainda está arraigada na entidade do casamento. Nesse sentido, veremos que a mulher marginalizada está muito envolta na questão do outro, tendo-o muitas vezes como a única forma de transposição social. Na personagem Marta, percebemos esse conflito, pois ainda que consiga se formar e possuir uma profissão para ser independente, o casamento ainda será a chave para que de fato ascenda socialmente. Outra

questão importante nesse contexto patriarcal é a necessidade de mudança gerada pela perda da tutela masculina, já que o primeiro fato que leva Marta e sua Mãe a uma mudança, ainda que não positiva em um primeiro momento, é a perda da figura do pai. Nesse contexto, a conjuntura cultural da tutela masculina ainda é bem forte e esse espaço no qual Marta está inserida normaliza o fato de que ela escolha esse destino.

Após entender que o espaço no qual as personagens estão inseridas é permeado por vários elementos que o formam e constituem, compreendemos porque Bourdieu defende a visão de que transpor essa condição socioeconômica é transpor muito mais e ir além de sua condição determinada socialmente. Por isso, o teórico reflete acerca do denominado *capital simbólico*, o elemento que agrega tudo o que o indivíduo possui e que vai muito além de sua condição financeira. Assim, se levarmos em conta o *capital simbólico* na análise de determinado espaço social, conseguiremos refletir acerca dos demais elementos que atuam na formação deste espaço e responder questões que não se relacionam apenas à condição social. Logo, ao pensar e refletir acerca do espaço social, o que nos interessa é o seu caráter “simbólico”, examinando sua formação e sedimentação na construção das duas obras em questão.

2- Superação e marginalidade

Em *Memórias de Marta* e *A hora da Estrela*, as personagens centrais Marta e Macabéa passam por uma espécie de deslocamento/diáspora que é fruto de ações trágicas do destino. De um lado, a perda da tutela masculina desloca Marta e sua mãe para viverem em um cortiço, onde gozam de uma condição muito inferior da vida que possuíam antes. De outro lado, a perda da tia impulsiona Macabéa a viajar para o Rio de Janeiro em busca de uma oportunidade de emprego como datilógrafa e melhores condições de sobrevivência. Em ambos os casos a perda provoca o deslocamento e traz sérias transformações na vida das personagens, mas é preciso salientar que a própria existência de Macabéa porta-se como um “acidente” do destino, já que a nordestina encontra-se totalmente despreparada para tudo, inclusive para viver.

Quanto à moça, ela vive num limbo impessoal, sem alcançar o pior nem o melhor. Ela somente vive, inspirando e expirando, inspirando e expirando. Na verdade – para que mais isso? O seu viver é ralo. Sim. Mas por que estou me sentindo culpado? (LISPECTOR, 1998, p. 23)

Os espaços que as personagens passam a ocupar possuem aspectos semelhantes e diferentes, mas que de certa forma determinam diretamente a posição marginal ao qual Marta e Macabéa estão submetidas. Nas duas narrativas, o “cortiço” é o destino para os que estão à margem, para aqueles que de certa forma foram rejeitados pela sociedade. Por isso, encontraremos nesse espaço de resignação diversas personagens que ocupam profissões dadas como “marginais”, como lavadeiras, operários, balconistas, prostitutas, etc. Macabéa vivia em um “velho sobrado colonial” compartilhando um quarto com quatro moças balconistas, lugar que o narrador descreve como “pardo pedaço de vida imunda” (LISPECTOR, 1998, p. 30). Marta e sua mãe habitavam um cortiço situado em “ruas lamacentas”, infestado de moscas em decorrência de um matadouro nas vizinhanças que “infeccionava o bairro enchendo-o ao mesmo tempo de mau cheiro, de insetos e de urubus” (ALMEIDA, 2007, p. 47).

Nessas descrições, é possível perceber que a condição marginal sempre está associada à imundície ou sujeira, ora estampada nas personagens - “Ela toda era um pouco encardida, pois raramente se lavava” (LISPECTOR, 1998, p. 27) - ora estampada no próprio espaço de convivência - “Junto às tinas das lavadeiras a água empoçava-se por entre os pedregulhos do pátio e exalava uma morrinha doentia” (ALMEIDA, 2007, p. 67).

Nesse contexto de subalternidade, encontraremos o desejo pela superação social e a busca por vencer uma condição à margem. Em *Memórias de Marta*, a educação será o caminho para a mudança de vida da personagem Marta. Além disso, ainda que timidamente, Júlia Lopes esboçará uma ideia de emancipação feminina que não se consolida com a necessidade do matrimônio para alcançar um lugar na sociedade.

Memórias de Marta é publicado no final do século XIX, período em que estava em processo a feminização do magistério e a profissionalização da mulher. A fundação das denominadas “Escolas Normais” surge da necessidade de ampliação do nível de escolarização da população, consequência de um ambiente em processo de desenvolvimento e modernização

(VIEIRA, 2006, p. 197). O magistério foi uma resposta à necessidade de formação de novas professoras, mas ainda era visto como uma “extensão da maternidade”. A formação intelectual era importante e poderia fornecer à mulher uma independência financeira, mas o casamento ainda era de fato a instância que lhe daria um *status* social indispensável para uma boa reputação na época. (LOURO, 1997, p. 450)

O trabalho feminino portava-se como uma ocupação transitória que deveria ser deixada quando ocupassem a verdadeira missão da mulher de ser esposa e mãe. A personagem Marta busca em sua formação um meio de quebrar a dura realidade em que vivia com sua mãe no cortiço e de alcançar a ascensão social, mas essa ascensão somente se solidificará com a realização do casamento com Miranda. (VIEIRA, 2006, p. 202)

A discussão da superação está presente nas duas narrativas e ainda que ela aconteça em *Memórias de Marta*, ainda existe um longo percurso para que se concretize. Podemos considerar Marta a representação da busca pela escolarização e Macabéa a representação da falta da escolarização, já que essa “instrução” pode não acontecer como ocorre com Macabéa. Ainda que Júlia Lopes tenha feito “adequações” ao texto, suas ideias são otimistas e veem a educação como forma de superação da marginalidade no século XIX. Já Clarice mostra que a educação por si só não é suficiente, pois algumas classes não terão acesso a essa educação. Podemos dizer que Clarice está cem anos à frente e vê o progresso como resultado de uma mudança que não conseguiu de fato modernizar a todos.

A hora da Estrela retrata a sociedade do século XX, em que já são visíveis os efeitos da modernidade. Através das personagens identificamos uma sociedade fluida, capitalista e impaciente, já que a mão de obra pouco qualificada é facilmente substituída: “Como a nordestina, há milhares de moças espalhadas por cortiços [...] Não notam sequer que são facilmente substituíveis e que tanto existiriam como não existiriam” (LISPECTOR, 1998, p. 14). Nesse sentido, a diáspora é um dos efeitos do progresso, pois desembarcavam imigrantes de todas as partes no Rio de Janeiro com o intuito de buscar trabalho e melhores oportunidades de vida.

Macabéa possuía pouco estudo e aprendera o ofício de datilógrafa com sua tia. Junto ao ofício, a moça ganhou uma fonte de “dignidade” o que lhe permite partir para o Rio de Janeiro:

Ela que deveria ter ficado no sertão de Alagoas com vestido de chita e sem nenhuma datilografia, já que escrevia tão mal, só tinha até o terceiro ano primário. Por ser ignorante era obrigada na datilografia a copiar lentamente letra por letra – a tia que lhe dera um curso ralo de como bater à máquina. (LISPECTOR, 1998, p. 15)

No entanto, a moça demonstra uma incapacidade para lidar com tudo, inclusive com a vida, não era boa datilógrafa e exercia tal atividade com muita dificuldade. A busca por ultrapassar barreiras não existe, pois se Macabéa não tem consciência de existir, não pode tomar consciência de sua condição social para assim superá-la. A nordestina apresenta-se em total estado de alienação:

- que ela era incompetente. Incompetente para a vida. Faltava-lhe o jeito de se ajeitar. Só vagamente tomava conhecimento da espécie da ausência que tinha de si em si mesma. Se fosse criatura que se exprimisse diria: o mundo é fora de mim, eu sou fora de mim. (LISPECTOR, 1998, p. 24)

Se em *Memórias de Marta* há a possibilidade de mudança social, em *A hora da Estrela* não. O destino de Macabéa já está determinado, ela não nasce pronta para a vida e para o mundo. Clarice mostra, através de Macabéa, a dura realidade da lei da vida, compondo alguém que passou pela vida sem ao menos ter consciência de existir. Para essa personagem a morte funcionará como um momento triunfalista, uma espécie de redenção. E ao contrário de Marta que possui muitas pessoas que influenciarão significativamente seu destino, Macabéa não tem ninguém, a não ser o narrador, já que se encontra em total estado de desamparo no ser e no existir.

3. Nomear e existir

A estruturação das duas narrativas aqui estudadas é construída de forma distinta. Em *Memórias de Marta*, temos um narrador-personagem que conta sua história em forma de memórias. Marta sente prazer em narrar sua história e reviver, a partir dos seus próprios relatos, os momentos vividos ao longo de sua infância e juventude. No entanto, já no início da narrativa, a personagem nos diz que “não tendo sabido viver”, sente satisfação em recordar, o que demonstra uma possível insatisfação com a vida que viveu e até mesmo as escolhas que fez:

Não tendo sabido viver; sinto entretanto um prazer confuso em reviver, em levantar os meus mortos, pôr-me a olhar para eles, e colher aqui e além, nos frangalhos da memória, a expressão fugidia de certas paisagens e de certos seres. (ALMEIDA, 2007, p. 41)

Já em *A hora da estrela* é o narrador Rodrigo S. M., que narra a história de Macabéa e nos apresenta sua triste trajetória de vida:

Como é que sei tudo o que vai se seguir e que ainda o desconheço, já que nunca o vivi? É que numa rua do Rio de Janeiro peguei no ar de relance o sentimento de perdição no rosto de uma moça nordestina. Sem falar que eu em menino me criei no Nordeste. Também sei das coisas por estar vivendo. (LISPECTOR, 1998, p. 12)

Diferentemente de Marta, Rodrigo S. M. não sente prazer em narrar a história de Macabéa, já que é uma “obrigação contar sobre essa moça entre milhares delas” (LISPECTOR, 1998, p. 13). O narrador afirma que não escreve por Macabéa, mas por “força de lei”, pelo direito ao grito e afirma que o ato de escrever é “duro como quebrar rochas” (LISPECTOR, 1998, p. 19). Marta escreve sua própria história e Macabéa precisa de alguém que fale por ela. No entanto, como reflete Regina Dalcastagnè (2003) Macabéa não é muda, ela só não fala porque alguém fala por ela e tudo o que sabemos dela vem de um “atravessador” de sua existência.

Como afirma Luiz Lopes, Clarice Lispector torna palpável em seu texto a dor da existência ao dar voz a “outros”, por exemplo, a “uma nordestina perdida numa cidade que a

ignora” (LOPES, 2014, p. 403). Para Lopes, o texto de Clarice não só enuncia acerca da dor de ser e existir, mas também exerce um gesto de resistência a essa dor:

A Hora da Estrela é um texto que fala dessa capacidade de ver e de fazer ver essas luzes, os vaga-lumes, os homens-vaga-lumes, que brilham apesar de tudo, que continuam resistindo e emitindo zonas de luminosidade, de resistência. Macabéa, ainda que seja uma estrela opaca, brilha de modo frágil, e da visão enigmática de sua dor surge também outra visão. (LOPES, 2014, p. 404-405)

Lopes (2014) reflete que Macabéa apresenta marcas de resistência nos retratos feitos por Rodrigo S. M., os quais funcionam como uma espécie de lampejos de sua existência. Em dado momento da narrativa, Macabéa se depara com o livro *Humilhados e Ofendidos*, de Dostoievski, no entanto apesar de se identificar com esses signos, prefere não se reconhecer como *humilhada e ofendida*:

Outro retrato: nunca recebera presentes. Aliás não precisava de muita coisa. Mas um dia viu algo que por um leve instante cobiçou: um livro que Seu Raimundo, dado a literatura, deixara sobre a mesa. O título era “Humilhados e Ofendidos”. Ficou pensativa. Talvez tivesse pela primeira vez se definido numa classe social. Pensou, pensou e pensou! Chegou à conclusão que na verdade ninguém jamais a ofendera, tudo que acontecia era porque as coisas são assim mesmo e não havia luta possível, para que lutar? (LISPECTOR, 1998, p. 40)

De acordo com Lopes, nesse trecho há uma espécie de *potência do não*, pois Macabéa não se reconhece junto aos *humilhados e ofendidos*, “Não se trata de não conseguir se reconhecer, mas de preferir não fazê-lo” (LOPES, 2014, p. 408). Lopes aponta outro momento da história em que Macabéa exerce a *potência do não*, ao não se reconhecer como *feia*, adjetivo empregado por Glória em uma conversa com Macabéa.

- Me desculpe eu perguntar: ser feia dói?

- Nunca pensei nisso, acho que dói um pouquinho. Mas eu lhe pergunto se você que é feia sente dor.

- Eu não sou feia!!! — gritou Glória. (LISPECTOR, 1998, p. 62)

Para Lopes, esses momentos de luminosidade expressam mais que uma forma de resistência, consistindo também em uma forma de Rodrigo S. M. “expressar” e “transfigurar” a dor de existir.

Por outro lado, a pergunta que Glória dirige à Macabéa nos leva a uma reflexão acerca da beleza feminina como pré-requisito da mulher. A beleza, se não era o requisito principal, era um dos mais importantes pilares de sustentação da figura da mulher. Se não possuísse nenhuma qualificação, mas fosse formosa, a mulher teria uma condição de se manter de pé, ainda que estivesse à margem. Macabéa não possuía nada, nem beleza, o que a colocava em uma posição ainda mais marginal que até mesmo as “prostitutas” que residiam no mesmo cortiço que a nordestina, “a pessoa de quem falarei mal tem corpo para vender, ninguém a quer...” (LISPECTOR, 1998, p. 13-14). Marta igualmente à Macabéa também não possuía atributos físicos, se mostrando muitas vezes complexada e inferiorizada em relação às outras mulheres à sua volta.

Desejaria penetrar o mistério daquela vida; saber como se pode parecer feliz não o sendo... Para mim Clara mentira. Quem não valia nada era eu, sempre ignorada por toda a gente, sempre feia, o que me torturava, sempre envergonhada dos meus vestidos mal ajeitados, do meu calçado barato, do meu modo esquerdo e retraído! (ALMEIDA, 2007, p. 143).

Em ambas as narrativas encontramos também uma reflexão acerca da questão da felicidade. Macabéa possuía uma ignorância das coisas ao seu redor, “não tinha consciência de si e não reclamava de nada, até pensava que era feliz” (LISPECTOR, 1998, p. 69). Essa “ignorância” trazia uma espécie de “felicidade” ainda que Macabéa não soubesse de fato o que ela era. Para Rodrigo S. M., Macabéa “Não se tratava de uma idiota, mas tinha a felicidade pura dos idiotas. E também não prestava atenção em si mesma: ela não sabia” (LISPECTOR, 1998, p. 69). Se Macabéa não sabia nada e não pensava sobre si mesma, Marta tinha total consciência

de si e da sua condição, o que constitui uma grande diferença entre as duas personagens. E ao contrário de Macabéa, Marta não parecia feliz, já que se adéqua ao que lhe é (im)posto para viver. Ao casar-se com Miranda, Marta procurava tranquilizar a mãe possuindo um futuro certo e uma reputação imaculada.

A minha maior felicidade consistiria em remunerá-la com largos juros de todos os sacrifícios feitos por mim, por isso preparava-lhe um resto de vida plácido; mas, coitadinha! Vendo-me amparada, com um auxílio certo e honrado, deixou-se descansar da grande luta que havia tantos anos travara com a morte. (ALMEIDA, 2007, p. 162)

4- Transpondo a existência

Clarice Lispector e Júlia Lopes apresentam respostas diferentes acerca da superação social e essa escolha, feita pelas autoras, decorre de diversos elementos que constituem ambas as narrativas. Em *Memórias de Marta* e *A hora da estrela* é possível encontrar uma reflexão acerca da infância, entidade que se mostra essencial para a formação da base psicológica e social humana.

Marta possuiu uma infância, brincava à sombra de uma *casuarina*, demonstrando uma ligação íntima com a árvore ao quase personificá-la em suas descrições: “Às vezes penso que naquela árvore existia uma alma humana, tanto que ela me entretinha” (ALMEIDA, 2007, p. 42). Já Macabéa não soube o que era ser criança, pois desde muito nova trabalhava ajudando a Tia a cuidar da casa: “a moça era hoje o fantasma suave e terrificante de uma infância sem bola nem boneca” (LISPECTOR, 1998, p. 33). Aos treze anos e já sendo instruída, a mãe de Marta tenta habituá-la a ajudar nos serviços domésticos, mas logo percebe sua falta de aptidão. Com esta mesma idade Macabéa já ajudava a Tia sem saber o que é descanso e essa diferença implicará grandes distinções entre as duas personagens.

A pobreza marcou a infância das duas protagonistas, mas desenvolveu uma reação diferente em cada uma delas. Marta almejava mais do que tinha: “O que daria para andar vestida

como a filha do nosso senhorio, ou como a adjunta do colégio” (ALMEIDA, 2007, p. 78) e demonstra-se inconformada em residir em um cortiço: “À proporção que ia crescendo mais aumentava a minha antipatia por aquele lugar” (ALMEIDA, 2007, p. 77). O narrador de *A hora da estrela* reflete que “Há os que têm. E há os que não têm” (LISPECTOR, 1998, p. 25) e Macabéa, apesar de ter muito pouco, não reclamava ou se revoltava com sua própria situação.

Na verdade por pior a infância é sempre encantada, que susto. Nunca se queixava de nada, sabia que as coisas são assim mesmo e – quem organizou a terra dos homens? Na certa mereceria um dia o céu dos oblíquos onde só entra quem é torto. (LISPECTOR, 1998, p. 35)

Outra diferença significativa entre Marta e Macabéa era a relação com a vida e a morte. Marta tinha medo de viver e era medrosa até de si mesma: “Nunca atravessei uma rua que não imaginasse ser esmagada por um carro.” (ALMEIDA, 2007, p. 87). Já Macabéa vivia em sua “bolha” e não temia a vida, afinal “não acreditava na morte” (LISPECTOR, 1998, p. 37).

A tomada de consciência é crucial na trajetória de Marta e será nesse momento que ela entenderá a existência de um confronto de realidades. Embora não entendesse quase nada do mundo, Marta tinha consciência de sua condição inferior já na infância e não aceitava sua posição, ainda que fosse apenas uma criança: “Por que não teria eu igual direito a possuir tudo, como a Lucinda, sem pedir ou aceitar esmolas?” (ALMEIDA, 2007, p. 52). Ao encontrar Lucinda pela primeira vez, Marta esboça uma ideia da diferença social, “Compreendi a minha fealdade pela primeira vez. Que diferença entre nós duas!” (ALMEIDA, 2007, p. 51). Sendo assim, Marta toma consciência de sua posição social ainda na infância, momento em que “as crianças pensam; e as impressões que sentem são duráveis e profundas” (ALMEIDA, 2007, p. 53).

Por mais tola que fosse Macabéa também era capaz de sentir o mundo, embora não soubesse pensá-lo e entendê-lo: ela “via num botequim um homem tão, tão bonito que – que queria tê-lo em casa” (LISPECTOR, 1998, p. 41). A nordestina não pensava que uma classe os separasse, não enxergava as diferenças existentes entre ela e um moço de requinte, mas sabia

que ele era um ser apenas para ser visto, desejando tê-lo em casa para admirá-lo como “uma grande esmeralda num estojo aberto” (LISPECTOR, 1998, p. 41), objeto intocável.

Macabéa não possui meios para “tocar” os elementos eruditos que lhe permitiriam esboçar um capital simbólico e sua única fonte de informação era a rádio *Hora certa e cultura*. Já Marta tem acesso ao erudito, frequentando ambientes que serão definitivamente decisivos em sua tomada de consciência.

A mãe da Marta decide colocá-la na escola e isso é determinante para seu futuro (ALMEIDA, 2007, p. 54), pois será através da educação que Marta encontrará forças para vencer sua condição marginal. O fato de ir para a escola já lhe conferia um status superior em relação às outras crianças do cortiço, já que Marta sentia isso e olhava altivamente para suas pequenas “companheiras de miséria” (ALMEIDA, 2007, p. 55).

O espelho causa efeitos distintos em Marta e Macabéa. Para Marta é a fonte da realidade, tomada de consciência e nutrição de sentimentos que provocam uma busca pela mudança. Para Macabéa o espelho é uma espécie de lugar ilusório, no qual ela não se conscientiza sobre si mesma, mas aceita o que é e vive até as últimas instâncias. Nasce em Marta a possibilidade de uma mudança social através do fruto de seu próprio trabalho, “Era dentro daquelas paredes que eu tiraria o sustento e a independência para minha mãe...” (ALMEIDA, 2007, p. 91). Dessa maneira, Júlia Lopes reflete acerca da superação feminina através da independência financeira, apresentando a possibilidade da mulher se sustentar sem uma figura masculina:

Uma adjunta conversava intimamente com a mestra, em um tom que me permitia ouvi-las sem indiscrição.

Falava de si, de sua vida passada, dando graças a Deus por ter um emprego, cujo ordenado lhe consentia um certo conforto, evitando que o irmão, única pessoa da família, a protegesse oferecendo-lhe coisas, olhadas como supérfluas pela cunhada... (ALMEIDA, 2007, p. 72)

A partir do relato da Adjunta, Marta expande seus horizontes e ousa sonhar a ser mestra, para “não morar em um cortiço mal alumiado, infecto, úmido, nesta terra onde há tantas flores,

tanta luz e tantas alegrias” (ALMEIDA, 2007, p. 72-23). Logo, D. Aninha também será uma figura de grande importância para o desenvolvimento de Marta, pois a mestre “responsabilizava-se pela minha carreira. Incutia-me coragem.” (ALMEIDA, 2007, p. 88). Marta refere-se à D. Aninha com muita gratidão ao longo dos seus relatos, “eu era uma coisa. Foi ao seu impulso que me tornei – gente.” (ALMEIDA, 2007, p. 73).

Considerações finais

Ao longo do presente trabalho, analisamos a construção da imagem da mulher marginalizada, comparando duas obras de autoria feminina produzidas em contextos diferentes.

O espaço social constituiu-se como elemento essencial para estudarmos a condição marginal sob a qual as personagens principais estão submetidas. Assim, a partir das reflexões de Bourdieu, adotamos uma concepção de espaço multidimensional que leva em conta diversos fatores na formação de uma classe social. Constatamos que apenas a condição socioeconômica não é capaz de explicar a posição marginal ocupada por Marta e Macabéa, já que não é somente a questão econômica que as torna marginais. Nesse sentido, mesmo apresentando muitas distinções, em ambas as obras a questão da marginalidade ainda está muito arraigada à questão do gênero, trazendo reflexões acerca da condição de exclusão feminina.

Ambas as obras tratam de questões atemporais ao descreverem a mulher, pois trazem reflexões que se mostram atuais ainda nos dias de hoje. Nas duas narrativas encontramos temáticas como a submissão feminina, a beleza como fonte fundamental para garantir um suporte à mulher e o matrimônio como entidade única de ascensão social, reflexões que problematizam a presença da marginalidade de gênero na nossa sociedade.

É possível perceber uma clara evolução a partir da chegada da modernidade na sociedade, mas as obras apresentam representações diferentes acerca do efeito que a modernidade causou. A diáspora é um dos efeitos da modernidade, que força o indivíduo a realizar um deslocamento em busca de melhores condições de sobrevivência. Dessa forma, ou o indivíduo se enquadra e vence o meio, ou é de certa forma “engolido” pelo mesmo. Em

Memórias de Marta Júlia vê na modernidade uma possibilidade da mulher conquistar uma profissão e alcançar a emancipação nos modos de subsistência. Já em *A hora da estrela*, Clarice reflete uma modernidade que não foi capaz de alcançar todas as mulheres, pois somente a escolarização não é suficiente para aplicar mudanças significativas no papel da mulher em uma sociedade altamente paternalista.

Por fim, percebemos que as obras não falam apenas da marginalidade feminina, mas refletem acerca da própria marginalidade da mulher enquanto escritora. Júlia e Clarice publicam em um meio no qual predominava a autoria masculina, por isso em *A hora da estrela* é possível identificar uma espécie de projeção da autora em sua personagem Macabéa. Ao afirmar, “Macabéa me matou” (LISPECTOR, 1998, p. 86), identificamos a voz de Clarice através das palavras do narrador Rodrigo S. M. Assim, tanto Júlia como Clarice apresentam, em um segundo plano, reflexões acerca do próprio ato da escrita e composição literária.

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, Júlia Lopes de. **Memórias de Marta**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2007.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001a.
- CANDIDO, Antonio; GOMES, Paulo Emílio Salles, PRADO, Décio de Almeida e ROSENFELD, Anatol. **A Personagem de Ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- DALCASTAGNÈ, Regina. **Engendrando Macabéas: a representação da personagem popular em Osman Lins e Clarice Lispector**. In: **A ficção de Clarice Lispector: nas fronteiras do (im)possível**. Org. por Rita Schidt. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2003.
- FUKELMAN, Clarisse. Escrever estrelas (ora, direis). In: LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Prefácio Clarisse Fukelman. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991, p. 6-16.
- HAHNER, June Edith. **Emancipação do sexo feminino: a luta pelos direitos da mulher no Brasil 1850/1940**. Tradução de Eliane Lisboa; apresentação de Joana Maria Pedro. Florianópolis: Ed. Mulheres, Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.
- LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1998.
- LOPES, Luiz. **Clarice Lispector e a transfiguração da dor: apontamentos sobre A hora da estrela**. In: **Arquivos femininos: literatura, valores, sentidos**. Org. DUARTE, Constância Lima; MAIA, Claudia; ABREU, Laile Ribeiro de; BARROCA, Iara Christina S.; PERES, Maria de Fátima M. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. In: **Histórias das mulheres no Brasil**. (Org.) PRIORE, Mary del; BASSANEZI, Carla. 2.ed. São Paulo: Contexto, 1997.

NUNES, Benedito. **O Drama da linguagem: Uma Leitura de Clarice Lispector**. São Paulo: Editora Ática, 1995.

SALOMONI, Rosane Saint-Denis. **A escritora / Os críticos / A escritura: O lugar de Júlia Lopes de Almeida na ficção Brasileira**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras - Curso de Pós-Graduação em Letras-Literatura Brasileira. Porto Alegre: 2005.

SALOMONI, Rosane Saint-Denis. In: ALMEIDA, Júlia Lopes de. **Introdução**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2007, p. 7-20.

TABAK, Fani Miranda & GUIMARÃES, Alex dos Santos. **Memórias de Marta: historiografia, gênero e literatura em Júlia Lopes de Almeida**. Revista Diadorim / Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Volume 9, Julho 2011. [<http://www.revistadiadorim.letas.ufrj.br>]

VIEIRA, Marly Jean. **Memórias de Marta, de Júlia Lopes de Almeida: um exemplo de Bildungsroman feminino no século XIX**. In: Entre o estético e o poético: a mulher nas literaturas clássicas e vernáculas. (Org.) MONTEIRO, Maria Conceição; LIMA, Tereza Marques de Oliveira. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2006.

Recebido em 16/06/2017.

Aceito em 01/07/2017.

RESENHA